

Galbraith sugere moratória

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Ainda acreditando no Plano Cruzado, ao ponto de dizer que o sucesso dele "tem importância crítica no cenário mundial pra países credores e endividados", o econômista canadense naturalizado norte-americano, John Kenneth Galbraith, 78 anos, visitou Brasília ontem, almoçou com o ministro João Sayad e conversou com o ministro Dilson Funaro e o presidente José Sarney. À noite, ele foi para São Paulo, onde conversa hoje com o reitor da USP, José Goldemberg, seguindo depois para Manaus. Galbraith está no Brasil a convite da revista **Exame** e da Rodhia, participando do programa "Dívida e desenvolvimento".

Galbraith voltou a insistir que o Brasil deveria apelar para uma "moratória temporária", deixando de pagar a dívida ou pelo menos o serviço, "para superar os meses críticos do Plano Cruzado". Ele disse que não acredita em retaliações sérias dos credores, se o Brasil agir assim. "Claro que os bancos internacionais poderiam reagir com palavras críticas e duras, mas palavras não são tão perigosas assim."

Para J.K. Galbraith, a moratória temporária traria vantagens a todos, "os países credores aumentariam suas exportações para os devedores, criando mais empregos em vez de ver todo dinheiro ser repassado para os



Galbraith: "moratória temporária"

bancos, enquanto os devedores continuariam seu processo de desenvolvimento". Ele insistiu que não está pregando o calote, apenas o adiamento do pagamento da dívida, "levando em conta que se o Plano Cruzado falhar os credores não receberão seu dinheiro".

O economista norte-americano esclareceu que não veio ao Brasil "como um ianque do Norte para aconselhar o governo brasileiro, mas apenas como um observador interessado e simpático ao Plano Cruzado". Disse ainda que um grupo de economistas brasileiros é que deveria ir aos Estados Unidos, "para aconselhar o presidente Reagan a mudar sua política econômica equivocada".

Sobre a possibilidade de os credores concordarem com a capitalização dos juros, Galbraith afirmou que não se pode esperar que os bancos

internacionais "sejam naturalmente simpáticos a esta tese, mas o Brasil tem poder de barganha para fazer com que aceitem esta tese". Ele lembrou palavras do seu guru econômico, o britânico Lord Keynes, "que sempre repetia que se alguém deve mil libras a um banco, está a mercê dele, mas, se deve um milhão de libras, é o banqueiro que está a mercê do credor."

Em 1941, Galbraith foi nomeado vice-diretor para preços do governo norte-americano, tornando-se o czar da economia do país em tempo de guerra, responsável pelo congelamento dos preços. "Lá o congelamento deu certo e eu estava sempre atento ao mercado, revisando os índices sempre que necessário, justamente o que está sendo feito aqui, por isso acredito no sucesso do cruzado", disse.

John Kenneth Galbraith não vê as recentes mudanças do Plano Cruzado como simples ajustes de salários. Para ele, "o Brasil tem muitas desigualdades sociais, assim como os Estados Unidos, e está tentando seriamente resolvê-las, através de uma redistribuição de renda real". Galbraith também defendeu a volta das minidesvalorizações do cruzado para favorecer as exportações, esclarecendo apenas que isto já deveria ter sido feito desde que o Plano Cruzado foi lançado, no final de fevereiro.

"A flexibilidade não é sinal de fraqueza num plano audacioso desses, mas sim de sabedoria", afirmou. Galbraith disse que a fase mais importante por vir, ou seja, "a economia precisará encontrar um ponto de equilíbrio depois do congelamento dos preços".

RESTRICOES AO FMI

Sobre o acordo de Bretton Woods, que criou o FMI, Galbraith concordou que ele já está um pouco defasado pelo tempo, dizendo que pessoalmente nunca foi muito adepto do Fundo em relação à imposição de programas de austeridade para os países pobres ou de governos fracos, "que seriam politicamente impossíveis de ser aceitos pelos Estados Unidos ou outros países desenvolvidos".

Mas Galbraith reconheceu que o FMI é fonte de recursos importantes para países necessitados, explicando que as mudanças no Fundo deveriam ser "mais de filosofia do que de estrutura". Sobre o processo de monitorização que o FMI faz da economia brasileira e de outros países, ele explicou não estar bem ao par do assunto, "sei apenas que o pessoal do Fundo gosta muito de viajar".

No encerramento de sua entrevista no hotel Nacional de Brasília, foi perguntado a Galbraith se ele apoia a Lei de Informática do Brasil. Ele olhou no relógio, se desculpou, disse que a meia hora que prometera aos jornalistas já se esgotara há bastante tempo e que tinha intenso programa.